

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

Aviso ao Presidente eleito

Os direitos e deveres do chefe de Estado — A falta de casa e a abundancia de afazeres — O que a Constituição dá e os outros tiram — O Protocolo em acção — Um exemplo historico

Excelencia: Nesta hora em que lhe escrevo, não sei ainda como se chama: De resto, dispenso o nome para apenas me ocupar do cargo. Desde que o Congresso, dois meses antes de terminar o mandato de um, elege o outro, o que sobe ao poder perdeu a individualidade e a vida que a não larga e passa a querer ser o chefe de um partido.

Não é longa a historia da republica e já alguns funestos exemplos se tem desenhado neste sentido. Mas isto vem a proposito do apagamento da personalidade necessario a essa vida que começa sempre no receio de acabar muito em breve.

Não sei quem v. ex.^a é, mas decerto está dentro da Constituição e, por consequencia, tem mais de 35 anos, existe no pleno gozo dos seus direitos civis e polificos, é portuguez e nunca teve outra nacionalidade, não é parente de suas magestades nem do senhor doutor Antonio José de Almeida. Naturalmente, tambem está no uso das suas faculdades mentaes, o que não é necessario para o cargo — visto a Constituição não o citar — e não lhe repugna prestar um juramento para o não cumprir.

E' especialmente sobre este assunto que me quero entreter uns breves minutos com v. ex.^a, desconhecido ainda e, por isso, podendo eu usar maior franqueza nas expressões. E' como se falasse para uma sombra vaga, ou para um fantasma anonimo.

Diante do parlamento, nesse dia em grande gala, com os deputados e senadores de andainas decentes, embora de compostura virada do avesso, v. ex.^a terá que jurar assim:

— *Afirmo solenemente pela minha honra, manter e cumprir com lealdade e fidelidade a Constituição da Republica, observar as leis,*

promover o bem geral da nação, sustentar a integridade e a independência da Patria Portugueza».

Não lhe parece tarefa demasiada para um homem só, ali amarrado a um compromisso de não faltar a alguns artigos chôchos, de nos tornar felizes a todos nós, e, ainda por cima, manter a integridade e a independência da nação? Mas como fará v. ex.^a isso tudo? Vamos a vêr os meios de que dispõe.

Primeiro, v. ex.^a auiere um ordenado. Se não tem casa propria, se veiu de fóra, se mora num 4.^o andar — e não arranjar, logo de entrada, com que alugar um palacio, v. ex.^a não terá domicilio. Dormirá, logo naquele começo das suas nupcias com o poder — em outubro já tão chuvoso — ahi por qualquer escada. Sim, porque a Constituição, que o obriga áquele juramento, é rigorosa no seu paragrafo unico.

«Nenhuma das propriedades da Nação, nem mesmo aquela em que funcionar a Secretaria da Presidencia da Republica, póde ser utilizada para comodo pessoal do Presidente ou de pessoas da sua familia».

E' o albergue noturno em perspectiva, excellencia! De dia pode v. ex.^a dar os seus despachos e fazer a nossa felicidade, cabeceando nos Paços da Republica. Esses paços são mobilados burocraticamente e Ela, toda em gesso, está num cantinho sobre uma peanha com o ar esfingiaco de quem prepara singulares recepções aos seus primeiros magistrados. A maior parte dos cidadãos não vê esse sorriso. Eu penetro-o sempre e já notei dois eguaes: um, numa gravura de Dürer: a *Morte*; outro, numa boca de certo *Barba Azul* — o que assassinava as noivas — existente num solar de provincia. Tem, pois, v. ex.^a casa, para de dia, e sob esse sorriso, pode ressonar.

Alem de aquele apanagio e de aquela perspectiva, compete²a v. ex.^a *«nomear livremente os ministros de entre os cidadãos portuguezes, elegiveis e demiti-los».*

Excellencia: Aquele adverbio está ali a mais. Falo-lhe de coração nas mãos, servido por uma esplendida memoria e com o criterio de um cronista do nosso tempo, ao qual não tem escapado uma só pagina da vida politica.

Aquele adverbio — oh! quem quer que sejas! — é igual a certas taboletas de casa de pasto onde se lê: *Hoje ha dobrada*: Paramos na rua; passamos a lingua pela palatina, damo-nos um alegrão e perguntamo-nos: e se fossamos a uma dobradasinha? Quando pedimos o prato com seus refolhos, sua galinha, rodinhas de chouriço e grão, o criado responde-nos sorrindo: Acabou-se, mas temos o grão com espinafres. Alguns segredam-nos: mesmo nunca houve dobrada! Assim é aquele, *livremente*, excellentissimo senhor. Ora, francamente, v. ex.^a já viu o que sucede quando o presidente toma essa deliberação? O primeiro que a tal se atreveu — o seu nobre antecessor, nobre pelo nascimento e pela desgraça — o sr. dr. Manuel de Arriaga, caiu do poder ouvindo tiros até Queluz de onde mandou a sua demissão ao Congresso, que logo se abateu, dando um enorme pontapé no *livremente* e por consequencia, na Constituição, que — como v. ex.^a agora — jurára manter e cumprir. Mal quiz usar da prerogativa, lhe apeteceu a dobrada — quero dizer desejou agir livremente, os creados encararam-no com o espirito de quem oferecesse apenas espinafres num prato partido.

Já vê que v. ex.^a ou falta á sua palavra, não cumpre os dictames da lei ou, então — perdõe o illustre desconhecido a quem me dirijo —

não passa de um fantoche nas mãos dos ministros que deve nomear, mas os quaes não lh'o consentem senão na orbita das suas vontades partidarias.

Quer v. ex.^a vê o que é o *livremente*? Um dia foi chamado para chefe do governo o senhor Fernandes Costa — conhece? — um velho republicano de Coimbra e da Junta do Credito Publico, homem serio, ponderado e historico, conhece? pois dois cidadãos, estes tambem historicos, mas nos arquivos policiaes, entraram no Credito Publico e se o velho republicano não se demitisse logo, os correligionarios te-lo-hiam lançado pela janela como outra ora se fez — disso não se lembra, decerto, v. ex.^a — a Miguel de Vasconcelos. Quando o presidente da republica soube do caso, enguliu o *livremente* com o molho de vilão oferecido pelos desordeiros e obedeceu. Oh! mas quere mais exemplos? Eles não faltam. O senhor doutor Antonio José de Almeida, ao saber do assassinio de altas figuras da republica, e entre elas do seu amigo e presidente do conselho, numa noite tragica, desejaría sem duvida, nomear *livremente* um outro — segundo a Constituição — mas recebeu um aviso na sua casa sem guardas, onde estavam tremulas e chorosas sua esposa e sua filha: ou acolhia o ministerio que lhe indicavam ou não se respondia pela ordem. A chacina continuaria. O *livremente*, desta vez, tinha um condimento de sangue, um molho de crime.

Já v. ex.^a vê o desacordo que ha entre os juramentos e os actos. Começará a ser prejuo.

Tambem compete a v. ex.^a «dar conta anualmente da situação do paiz ao Congresso, indicando-lhe as providencias e reformas urgentes».

Isto — oh! chefe do estado eleito — nunca nenhum dos vossos antecessores o fez. V. ex.^a, quero acreditar, tambem não o fará. Para falar a verdade «dar conta da situação do paiz» é o que se tem feito mas noutro sentido: no de dar cabo.

V. ex.^a tem por sua opinião, arreigada, firme, desde pequenino, um horror declarado aos banquetes. Sim, isto é um exemplo. Sente-se mal á mesa espartilhado numa casaca, com condecorações — é verdade v. ex.^a tambem possui a banda das tres ordens que já um gracioso definiu assim: — Ordem de marcha, ordem de despejo, ordem de Varsovia, — enfim v. ex.^a não quere comer diante de gente. Pois o seu governo deseja um jantar de gala por semana e v. ex.^a, primeiro tem que assignar, depois tem que assistir, de seguida tem que comer, que embutir, á força, como uma creança a quem não se pergunta se gosta *petits pâtés de crevettes*. V. ex.^a detesta o camarão, odeia-o mas tem que o engulir e tambem os *escalopes de veau* e o *dindon truffée* de todos os agâpes officiaes.

No fim, com uma grande contrariedade e um ameaço de indigestão, sentindo a cabeça á roda, entra numa carruagem, cercada de soldados de cavalaria, como se fosse preso, e que o vai deixar no seu palacio se o comprou ou se o alugou, á porta do seu prediosito modesto ou — o que é muito possivel, neste tempo de faltas de casas — no Albergue ou num banco da Avenida, onde v. ex.^a irritado, com vomitos e com as Tres Ordens a affligirem-no como uma taboleta no seu peito, ficará até ir, no dia seguinte, para a repartição. A banda — descobri-o agora — serve exactamente para o chefe do Estado — em casos destes — não se perder. Ha, porem, ainda, uma infinidade de cousas que lhe competem como áquela pobre senhora a quem o marido dizia muito de

rijo para as vizinhas ouvirem: come mulher, come! — e, baixinho, avisa-a: se metes a colher na sopa leva-te o diabo!

Assim succede com v. ex.^a no capitulo: declarar o estado de sitio, negociar alianças, tratados, convenções, administrar superiormente as finanças do Estado e propôr o orçamento etc.

Bem ouço que solfa uma gargalhada, a qual retine extranhamente. Ri como se lhe estivesse contando uma bela anedota.

V. Ex.^a, senhor presidente da republica, pelo artigo 11.º da Constituição, tão pesada, «dispõe da força armada, não, podendo, porem, assumir o seu comando». Quere dizer: V. ex.^a tem necessidade de um policia e ele ainda o pôde prender, mas, não tenha duvidas, v. ex.^a, segundo a lei, dispõe da força armada.

O dr. Manuel de Arriaga tambem tinha esta prerogativa, e, já lhe contei, um dia — foi no 14 de maio de 1915 — viu-a a disparar para lhe impôr quem muito bem quiz; o senhor dr. Machado — apesar «de ter tido outra nacionalidade» de ser brasileiro, do mesmo modo dispunha de igual poder e uma noite — foi em 9 de dezembro de 1917 — viu na sua frente tres jovens officiaes a indicarem-lhe a demissão depois dos ralhos rijos dos canhões. Ao senhor dr. Antonio José de Almeida conferiam as mesmas regalias acerca da força armada, e um dia, foi em 20 de abril de 1921, viu a residencia invadida por civis e de soldados nem a sombra. Logo, de ahi a pouco, em 19 de outubro, sentiu bem como nem comandava nem dispunha.

Sucedía-lhe o mesmo que aos pequenitos a quem se compram brinquedos para se guardarem no fundo de gavetas.

V. ex.^a está elucidado. A Constituição, que jurou, não lhe dá garantias; sempre que queira cumpri-la soam tiros, v. ex.^a não tem direito nem a um simples cubiculo de continuo para residencia, etiquetam-no na banda das Tres Ordens como se fosse um fardo a expedir num dia de ordem de Varsovia, em ordem de marcha, para uma ordem de despejo; os militares fazem-lhe continencia mas não lhe teem o menor respeito. Estão sempre á espera de deixar de lha fazer. V. ex.^a nem sequer pôde escolher um prato de seu gosto para um *menu* official. Se lhe apeteecer frango córado o Protocolo dá-lho logo com ervilhas; porque essa outra instituição que o ladeia — «O Protocolo — é uma cousa feita para contrariar todos os prazeres. Quando se deseja andar manda-nos sentar, quando se quer comer, saltar, jogar o *tennis* obriga-nos a fazer paciencias, quando se aneia por soltar uma boa risada, impõem-nos silencio. Senhor presidente, o *Protocolo*, eis o inimigo! A Constituição faz de v. ex.^a um nulo, este filho bastardo da republica faz de v. ex.^a um fantoche.

Eu, repito, não sei quem v. ex.^a é, mas falo de homem para homem, querendo vêr o meu semelhante dignificado na especie. Já sabe o que o espera. Avisei-o. Depois não diga que os panfletarios são geradores de revoluções. Agora, fazia, realmente, uma revolução, creia, mas a favor de v. ex.^a. A seu favor — Excelencia — para o vêr homem livre da mentira da Constituição e da hipocrisia do Protocolo. Não a posso realizar, supponho que em virtude do muito calor deste agosto em que o jungem ao carro do Estado, mas é facil, bebendo a minha limonada, dar-lhe um conselho melhor que o seu conselho de ministros. Siga o exemplo de D. Estanislau Figueras, primeiro presidente da republica espanhola. Ah! não sabe o que ele fez? Fugiu!

As gorgêtas de Suas Ex.^{as}

Os estômagos ante a igualdade — Uma diaria de 96\$666 réis — Caprichos de gente bem paga — A psicologia dos dirigentes — Os conselhos do senhor Afonso Costa

Calculemos porque o calculo conduz-nos á logica pela mão da verdade. Façamos, pois, assisados e calmos raciocinios que nos levarão tão longe quanto está distante, por exemplo, o estômago dum 3.º official da viscera membranosa que nos ministros dá pelo mesmo nome, mas é de diversa categoria.

Anatomicamente são iguais como os seus possuidores, diante das leis. Teem ambos a forma duma gaita de foles, não diferem sensivelmente no esôfago nem no piloro, mas enquanto os dos humildes são realmente, uma gaita, aos dos superhomens não se pode bem chamar assim apesar da conformação identica.

O que nos levou até aqui foi o calculo; a base em que nos apoiámos foi a lista dos aumentos aos funcionarios. Puzemo-nos a fazer contas e chegámos ao seguinte:

Aumentou-se a um parlamentar 400\$000 réis mensais e 44\$000 réis aos 3.ºs officiais; 2.900\$000 réis aos ministros e 12\$000 réis aos aspirantes; de fórma que, de conta em conta, de dedução em dedução, numa simplicidade igual á dos estômagos dos cavalos, dos cães, dos porcos, concluimos que as altas figuras da republica são ruminantes: teem estômago quadrupulo, mais do que quadrupulo, enquanto os outros são tão réles que possuem apenas uns estômagos rudimentares, umas vagas cavidades digestivas, como as aranhas e como os caranguejos.

E' assim porque, segundo os meus calculos, um ministro come por 14 1.ºs officiais, e por 65, 2.ºs; um senador engole por 9, 3.ºs officiais, um director geral por 19, 3.ºs officiais e o senhor Afonso Costa, cada vez que pede pelo telegrafo 100.000 francos — 146 contos — digere os aumentos concedidos a 12.166 aspirantes, 3318, 3.ºs officiais, 730, 1.ºs, e até o decretado para 58 ministros, excepto os automoveis inherentes ao cargo desses ruminantes singulares.

Calcular nunca me deu tanto prazer. Continuemos, pois, em nossos calculos que parecem o declive suave duma estrada bem sombreada por onde se caminha sem dificuldades.

Um terceiro official pôde comer mais 3 quilos e meio de carne, em cada mês, e mais 30 quilos de pão. Quer dizer ganhou para um quilo de pão diario e para cem gramas de carne. Dividido este repasto com a esposa e com dois filhos—o 3.º official é, por via de regra, prolifico, visto lhe falhar o dinheiro para espectaculos de variedades, chega-se á conclusão que o estado, de admiravel previdencia, lhe valeu com um quarto de pão e com 25 gramas de carne. Nesta proporção comem os 2.ºs e os 1.ºs officiais.

Daí para cima a carne e o pão são abundantemente distribuidos. O ministro não sabendo que fazer dos 2410 quilos de pão e dos 241 de carne, que lhe caberiam, se apenas nestes generos necessarios empregasse o aumento que exigiu dos seus servos parlamentares, deve ter começado a pensar em que empregar os 2.900\$000 réis mensais de subsidio sobre os seus antigos proventos. Transportes não carece porque se apossou tambem dum automovel: fatos, pôde comprar dez em conta, com esse acrescimo; e embora estrague um por mês chegam-lhe para quasi um ano. Como os nossos dirigentes já teem muito que fazer, essa medida—eles que o digam—em vez de os beneficiar ainda os prejudica pois são obrigados a pensar—enquanto o 3.º official come as 25 gramas de carne—no que hão de fazer ao seu superfluo. E, então, como a cousa mais nobre que ha para um ministro é morrer pobre—os dez ou onze homens aos quais se chama assim, estalam de colera, com os 2.900\$000 na mão, sacudidos nos seus automoveis.

Ora, calculando sempre, e para bem do país, chego a apurar que esse dinheiro em tais mãos é tanto um incentivo á perdição, como uma nota de cinco mil réis dada a um garoto. A primeira cousa que ele quere é imitar os homens e vai logo comprar um charuto. Puxa duas fumaças, nausea-se e, amarelo, coberto de suores, chega a casa num estado lastimoso e causa o desespero dos pais.

Já se vê que eu não digo que os ministros vão comprar charutos—isso ofenderia sobremaneira a Companhia dos Tabacos que lh'os envia—mas vejo-os, noutras perdições peores.

2.900\$000 réis são 96.666 réis diarios cujo emprego será fructo de meditações para quem não os quere guardar e não carece deles para o seu sustento. Então, as imaginações ministeriais cavalgam e acode-lhes logo uma ideia—de perdição já se vê.

Como serão feitas as *cocottes* finas? As amantes dos banqueiros, dos grandes moageiros, dos riços? A que cheirarão? De que côr serão as suas camisas? E a preocupação do ministro, daí por deante, é exactamente a duma creança á qual se mostrou um boneco de engonços. Quer possui-lo, mais quere apalpa-lo, dormir com ele para que não lhe fuja, remexer-lhe nas cordas, amarfanha-lo, vêr como é feito lá por dentro.

E, desde logo, no seu cerebro se produz um enorme trabalho.

Onde se encontram essas damas do amor bem pago? Nos teatros, nas estações d'aguas, nos praias *chics*? De locubração em locubração descobrem-nas, e, então, veja-se a perdição, repare nisto a republica e não diga nada ás senhoras ministras: assiste-se a este spectaculo de onze dirigentes andarem esbaforidos, como perdigueiros, esfaliados, de linguas pendentes e espumantes de baba, em cata do que aos seus espiritos sugeriu aquela gorgeta dos 96\$666 réis diarios. Com isso já se pode sustentar uma? Hein! Que diz você?!

Dentro em pouco não se ouvirá mais nada no conselho de minis-

tros e o continuo, que recebeu mais 400 réis por dia, escutando á porta, pensando no seu mal, e no aumento tão minguado, diz sem querer:

— Com um cruzado... Nem se adquire uma sardinha...

Não será raro encontrar o senhor presidente do conselho e ministro da guerra, passeando no jardim dum hotel magnifico, na missão que o deve preocupar imenso, e a responder, a quem o interrogar sobre sua viligiatura, subindo-lhe á face um vago rubor:

— Manobras... manobras...

O do commercio, mais á vontade, explicará: questões das carnes!

Depois os da Instrução, da Marinha, da Justiça, das Colonias, explicarão de qualquer modo as suas ausencias das repartições: a reforma do estudo das linguas, as vantagens dos submersiveis, a lei d'industria, a importação de gado do ultramar,

Ninguém nos governará. Os gabinetes ministeriais começarão a ter o ar de quartos deshabitados. No *Anuario Comercial* aparecerão erradas as moradas dos ministros porque jámais responderão das residencias officiais.

Magros, lividos, com os hombros das casacas besuntados de pó d'arroz; e com cabelos oxigenados enrolados nos botões, os pobres homens, apparecer-nos-hão nos conselhos, muito preocupados porque as Alines, as Esteres, as Zulaias, as Patrocínios, as Fredegondas — a fauna clubica cara e pintada — terão exigido enormes sacrificios ao tesouro. Aline pediu a cafeteira da baixela Germain porque tem um serviço desirmanado e logo Ester solicitou a figura da Provença porque lhe lembra uma rapariga da sua terra. Zulaia imaginou não usar outras ligas a não ser as da Jarreteira e Patrocínio ameaçou fazer escandalo se não lhe déssem a custodia dos Jeronimos. Fredegonda, mais suave, menos de espalhafatos, antiga corista, quer apenas a grã cruz de S. Tiago e o ingresso no Teatro Nacional, como primeira dama. Isto são as exigencias banais; mas o sustento de tão gentis exigentes, o seu vestuario, suas joias, excedem muito os 96\$666 réis diarios.

D'áí as aflições dos pobres homens, as suas faces tristes, as suas preocupações, a inveja sentida dos 3.^{os} officiais que vivem tranquilos com as 25 gramas de carne que não carece de colares a, não ser em meias garrafas.

Eles — os ministros — tambem viviam tranquilos antes do aumento. Agora chegaram á ultima. Antes a queda do regimen, soluçava outro dia um a magicar na maneira de oferecer a cafeteira da baixela Germain à endiabrada. Os outros estão na mesma.

Como sempre que as questões graves assoberbam os estadistas, escreveu-se para Paris, para o senhor Afonso Costa, a explicar-lhe o caso e a pedir-lhe conselho. Que deviam fazer ante as exigencias das queridas que se tinham entrado na sua vida fôra porque o estado lhes déra dinheiro então superfluo e que já não lhes chegava?

Com aquele saber de grande alcance, o telegrama veiu conciso e severo:

— « Cem mil francos rapidamente. Augustine não tem essas exigencias impossiveis de objectos Estado. Vocês não sabem tratar *cocottes* finas Urgencia adquirir em conta diademas brilhantes. Tenham juizo ».

Ora aqui está como o subsidio foi um mal para os ministros que tanto sofrem e uma maravilha para os humildes que, com as suas 25 gramas de vaca engordam, enquanto aqueles comendo mais carne, definhavam a olhos vistos.

Aparição de três fantasmas

A «mulher que viu» fantasmas — O quadro da Tavora — O que se escondeu sob um papel de lorrar casas — O que se ocultou sob um remendo de loiça — Os fantasmas e os sonhos

O *Diario de Noticias*, sob o titulo *Os Mortos Voltam*, publicava, no domingo, uma carta singular, assinada por *Uma mulher que viu*.

O que essa mulher viu foi o seguinte: Habitando um velho palacio «o qual talvez tivesse sido dos Tavoras ou dos Lafões,» constatou em certa «manhã, acabando de levantar-se e abrindo a janela,» «desenhar-se nitida numa das paredes, em tamanho natural, a figura dum homem vestido rigorosamente como no tempo do marquez de Pombal, mas, meu Deus! decapitado e sem mãos, parecendo vêr-lhe ainda os cotos sangrentos! Era exacta, precisa, essa figura, formada pelas manchas asuladas da parede clara que lhe servia de fundo!»

Continua narrando o que se lhe deparava «na outra parede ao lado ao meio duma porta,» com o mesmo tom de toques literarios, que recordam os do começo duma novela no genero do *Misterio da Estrada de Cintra*, e assevera, então, ter visto ainda: «uma fidalga da mesma epoca, elegante, distinta, de accentuadas linhas de formosura». Houve mais gente que analisou essa aparição singular, no dizer da correspondente do jornal, a qual completa assim a sua comunicação:

—«Porem a mais forte comoção por mim sentida nesta casa, foi quando ha tempos, folheando uma illustração, vi o retrato da Marqueza de Tavora, o mesmo, tal qual existira no meu quarto!! No da parede faltava um pormenor que achei na illustração: não se percebia bem o que segurava no braço erguido; parecia fazer menção de cheirar uma flôr; no da aludida publicação achei o que faltava: no braço erguido a mão segurava a extremidade da pele lançada aos hombros.»

Não é bem assim. Numa das mãos segura um ramo de flôres — por sinal que é bem fina e delicada, de dedos compridos e de magnificas tonalidades, essa mão — na outra torce ligeiramente, não uma pele, mas a leve gase duma *écharpe* colocada sobre os hombros descobertos e que passa sob o braço esquerdo de meia manga de rendas alvissimas, presas por joias.

Pelas costas da figura formosissima, caem os cabelos magnificos da retratada. O quadro é de J. B. Gerard, e pertence ao senhor conde de Cas-

tro Guimarães, que um dia, quando eu publicava *Os Tavoras*, desejou que o fosse vêr. É realmente um esplendido trabalho, o segundo retrato dos Tavoras existente e diante do qual me detive perturbado e embevecido. O meu companheiro desse dia foi o conselheiro José de Azevedo Castelo Branco, que era um alto espirito. Levou uma tarde inteira a relembrar a historia, e eu jamais conseguí esquecer essas horas do palacio de Cascaes, nem a figura gentil da grande dama suppliciada, a qual publiquei, ha pouco, no *A B C*, a revista que a *mulher que viu* não cita na sua carta.

Destinado a uma das paginas do *Pombal Pupilo dos Jesuitas*, que está no prélo, esse quadro, vindo á publicidade prematuramente, já teve a vantagem de evocar em alguém reminescencias duma visão singular. É certo que essa grande impressão, sentida no fundo dum velho palacio, a senhora crente «em que ha alguma coisa para o Além», a escondeu sob um papel imitando tapeçaria.

Ficaram no misterio as manchas dessas paredes, o nome da reveladora e o logar do palacio onde tão curiosas manchas apareceram e sem a publicação do retrato da Marqueza de Tavora no *A B C*, misteriosa seria tambem para ela a identidade da mulher formosissima da sua visão.

Palacios que tivessem pertencido a Tavoras existe um em Lisboa, no Campo Pequeno, no qual morreram alguns Galveias e do qual julgo ainda proprietario o meu amigo senhor Filipe de Vilhena. Em Traz-os-Montes existem as ruinas de outro. O resto foi destruido por ordem da justiça, depois da tragedia do Chão Salgado ou desmoronou-se com o terramoto.

Os objectos de uso a essas vítimas sofreram destinos varios, e é impossivel hoje seguir o caminho que tiveram. Um jarra magnifica coraprou-as, um seculo depois, o marquez da Foz, e por sinal que um dia viu estalar parte da louça, onde pompeavam as armas de Pombal e aparecer as dos Tavoras numa fantastica mutação.

Isto, porem, não era uma visão de sensibilidade exacerbada, tampouco o producto duma fantasia nem o recorte de manchas, mas alguma cousa de positivo, de claro, de palpavel, de iniludivel: o escudo de Pombal derretia-se e cedia o logar aos brazões dos Tavoras.

Durante muito tempo aqueles objectos preciosos estiveram juntos de um fogão e naturalmente a acção do calor sucessivo fez rebentar o que se apuzera ao seu primitivo desenho a esconder o possuidor e o roubo.

Pombal apossara-se, pelo menos, de uma reliquia das suas vítimas, como quem toma um jarra é capaz de se locupletar com uma fortuna alheia—quem sabe quantas outras preciosidades dos diversos Tavoras e Atougias, embelezariam as salas do valido de D. José?

Ora esta é a aparição positiva; esta é a verdadeira que o meu amigo, Gil Guedes Correia de Queiroz e Castelo Branco, conde da Foz, ainda ha pouco corroborou. Emquanto á outra — a da *mulher que viu*—não posso pronunciar-me. Não armo em espirito forte, não nego, pedantemente, cousas que algumas altas mentalidades teem constatado: o aparecimento de fantasmas; não afirmo, porque nunca vi, mas de velhos fenomenos tidos como loucuras, como risiveis ou como feiticerias, eu sei que, ao cabo de tempo, se tornaram realidades e até banalidades.

Ao surgirem as primeiras manifestações da electricidade, as quais geraram o terror nos homens, produziram até alucinações coletivas e

formaram uma singular legenda de sobrenatural á sua volta, quem nos diria que, um dia, toda essa fonte de pavores, de medos, de terríveis ideias de nossos avós, ainda haviam de, disciplinadamente, nos iluminarem e nos transportarem?! Que abismo entre a fuga de um homem diante de uma faisca e a comoda atitude do descendente dentro do carro electrico! Pode ser, tambem, que todas essas singularidadés, as visões de mortos, os passos de fantasmas, os duendes, a correspondencia com as almas, sejam verdades puras e que uma grande sciencia por disciplinar palpite nessas manifestações com a sua utilidade como a das diversas applicações da tão misteriosa e temida electricidade. Por isso, longe de mim o duvidar daquilo que não se profundou, de negar, sem bases, o que pode ser um facto; de fingir descrenças — como os «espíritos fortes» que se recusam acreditar em Deus porque «nunca o viram» e chamam por ele á menor dôr de cabeça. — Daí o não repelir a descrição da *mulher que viu* essas duas figuras da grande infamia pombalina, da qual me ocupo muito neste momento. É crível, todavia, que não passe duma fantasia, duma visão cerebralmente determinada, duma alucinação da retina; agora, a outra, a dos cysne e da estrela dos Pombaes estalando numa jarra para deixar aparecer as coticas d'ondas e o golfinho dos Tavoras, essa é que, plenamente, se comprova a documentar como esse fantasma da historia deixou o rastro de suas delapidações após o sangue de tantos innocentes derramado, por sua conta, no cadafalso.

O Sargento Abilio

Perfil de um soldado — Um revolucionario sentimental — As victimas e os traidores — Bôca que não sabe acusar — A' passagem de um funeral

Morreu, ha dias, o homem que, diante duma força armada, soltou o primeiro grito de «viva a republica».

Chamava-se Abilio Francisco de Jesus, fôra 1.º sargento de caçadores 9, em 31 de Janeiro de 1891 e os conselhos de guerra condenaram-no a 6 anos de prisão maior celular e na alternativa de 9 de degredo.

Esse sargento não entrara na revolta pelos mesmos motivos da maioria que fizera uma reclamação relativa ás suas promoções em concorrência com os aspirantes. A sua acção era toda a de um idealista; viveu na ambição e na fé republicana e para ele a republica não era mais do que a queda da monarchia, o abatimento do que na sua lé de proselito intitulava de privilegio, o fim da realeza, um regimen em que o rei desaparecia. Fosse como fosse esse Abilio — a quem o seu idolo promoveu a capitão e reformou, mal venceu — era bem o tipo do bom sectario duma idéa. Embebeu-se dela, mergulhou, sentiu-a, viveu-a, aspirou-a a seu modo, já se sabe, e, como todos os crentes, não a discutiu. O que queria, era a republica.

Nessa madrugada brumosa de janeiro regelado, o sargento, diante dos soldadinhos apertados nos capotes negros, tendo postado sentinelas em frente dos quartos dos officiais, passeando o olhar no negrume, em que mais os adivinhava do que os via, gritou ardentemente:

— Viva a republica!

O batalhão respondeu-lhe; as praças aplaudiram; luziram as armas no escuro da noite da qual iam fazer brotar uma triste aurora revolucionaria.

Sob as abobadas o grito resoou e de chofre, o comandante dos caçadores, tendo ao seu lado o ajudante, appareceu a falar aos sediciosos.

Foi paternal e severo; os militares calaram-se, apertaram as armas frias, olharam as casernas desertas, e, quando iam, talvez, debandar, render-se, Abilio dirigiu-se ao seu chefe e disse-lhe com as lagrimas nos olhos:

— Comande-nos v. ex.^a... Vamos fazer a republica... Bravamente

o superior negou-se, mas o batalhão safu. O sargento Norberto tomou o lugar do major na noute negra, gelada, lobrega, lá foram para Santo Ovidio.

Daí a horas, após o crepitar da fusilaria, o combate com a municipal, que sempre julgaram fiel a compromissos propalados, os primeiros soldados republicanos estavam vencidos e a bordo dos navios de guerra, onde iam ser julgados, o sargento jamais mostrou um desfalecimento. Era casado; tinha uma filha; iam arrancar-lhe as divisas, envia-lo para a Penitenciaria, para o degredo, e conservava-se duma altivez digna excitando-se apenas ao falar do sargento ajudante do 18, Artur Ferreira de Castro, o agente do capitão Alexandre Sarsfield, junto dos revoltosos e que assistira á reunião celebrada na rua do Laranjal. Ao encarar essas figuras sombrias da delação e da espionagem, Abilio, exclamara referindo-se ao brigadas:

— «Instigou muitos dos camaradas ao movimento, induzindo-os á rebelião para depois os traír!»

Singularissimo papel representaram aqueles militares. Um, o sargento, apanhou o manifesto dos seus colegas que terminava assim:

«e as armas que nos forem entregues para defeza das instituições, voltá-las-hemos contra elas.» O outro, o capitão, foi entregar o documento ao coronel Lencastre de Menezes que o enviou ao ministerio da guerra. Apareceu uma *Ordem do Exercito* atulhada de transferencias e foi ela que precipitou a revolução onde esse Abilio sentiu queimar nas suas mãos o cano da espingarda e toda a sua vida perdida.

Teve essa nobre coragem; não desfaleceu jámais. O que foi a existencia desse soldado republicano durante os fugazes momentos da sua acção, pode consubstanciar-se em bem pouco: o maior sonho servido pela maxima energia. Embrenhou-se nele e batalhou. Devia ter passado as horas amargas dos vencidos: essa tristeza que invade os derrotados, mesmo quando uma grande fé os enche. Destruir a monarquia para fazer a republica era uma banalidade para muita gente. Não se avançava mais em liberdades nem em melhorias económicas. Para êle era a chegada de um mundo novo; entrevia-a com essa fé ardente que levou Cipriani a ser o hospede de todas as prisões da Europa durante setenta anos, Kropotkine a renegar os seus titulos, Tolstoi à humildade de um *mujick*. Esses ao menos, sabiam o que eram os seus ideais e um deles — o principe filosofo — ainda pode sentir o horror da desilusão ante a victoria. Abilio — o pobre — só queria a pratica do seu sonho e mesmo, ao analysa-lo victorioso, não o via mau, não increpava a republica; amava-a, queria-lhe e não lhe pedia nada. Como um grande amoroso tímido ante a idolatrada curvava-se aos seus caprichos não querendo ouvir acusa-la. Abilio Francisco de Jesus — é preciso dizer-lo — sentindo assim, adorando desta maneira, não era um jacobino. O homem que, diante duma força armada, em preparos de revolta, soltara o primeiro grito de «viva a republica» não era um peseguidor, não era um energumeno. Metera-se no seu canto; não interviara em nenhuns dos passos do regimen triunfante, não procurara os seus antigos cumplices, tornados grandes homens da republica, e da sua bôca honrada não saíra um berro acusador contra quem o levara até à Penitenciaria e ao degredo. Não souu uma phrase de odio evocadora do espião que na rua do Laranjal palpitava os segredos para os ir relatar ao capitão Alexandre Sarsfield.

Passara quasi trinta anos de inclemencias no seu labutar de desditoso

emquanto os acusadores, os delatores, continuavam nos seus postos e nas honrarias, um deles falando bem alto do seu monarquismo, e quando a sua vez chegou Abilio calou-se apesar de vêr aquele capitão comandando um regimento do regimen, sendo um serventuario do novo estado de rastos, mas querendo dar nas vistas, a condenar os monarchicos vencidos, num tribunal a que presidia, com a ancia de que reparassem nele.

Abilio sentiu repugnancia em evocar o passado.

O outro era coronel, ele apenas capitão. Na alma do antigo sargento do 9 não havia revolta por essa injustiça suprema, ficara sempre um desinteressado, metido no seu sonho, dignificando-o, exaltando-o, mesmo quando dele partiam desigualdades tão grandes.

Apraz-me encarar aqui essa figura de idealista e de soldado, esquecida pela maioria dos jornais republicanos, porque, ao relembra-la, fixo uma alma, encho uma lacuna e chego a uma conclusão: é que apesar do pobre Abilio julgar o contrario, no seu apaixonado idealismo, a republica não póde passar sem os traidores de todas as causas, como aqueles cujo nome generosamente calou e que se devem evocar, num castigo, na hora em que se sepulta o cadaver de um homem de bem.

O Homem que se quer vender

Os tristes passos dum bacharel — A ultima expressão humana — Extranho espectáculo Lisboa — Os "compragente," — Na ante-camara de desconhecido

Tenho um amigo muito provado pela má sorte, que ha pouco, deliberou vender-se. Não queria, porem, fazer de si um ser banal, uma rodilha à vista de toda a gente. Imaginou uma venda com o ar duma vitória, surgir na cidade, pertencer a uma firma, a um homem, a uma comandita mas sem que se conhecesse no seu rosto a marca da sua servidão. Bacharel e poeta — é auctor dum livro de certa retumbancia publicado aos trinta anos —, tendo ainda uns restos de aprumo, no meio da miseria negra que o envolvia por dentro, deixando-lhe, por fóra, um pouco de *toilette*, ele, sem poder mais assistir à fome da mãe e da mulher, às lagrimas duma e ao olhar fixo da outra, duas acusações à sua derrota na vida, determinara dar aquele passo. Assim como outrora se vendia a alma ao diabo, tambem, decerto, haveria ainda quem comprasse gente.

Ele sabia; ouvira dizer, escutara varias vezes aquela toada de que não fazia caso: Fulano está vendido a esta ou aquela manigancia, beltrano está por conta da Companhia de tal, cicrano é o testa de ferro do grande comerciante, do grande industrial, do grande politico, do grande bandido. E ele, pobre bacharel, com certa apparencia, o que ele queria era pão, era sustento, era vêr a mãe sorridente e a esposa a olvidar os maus dias. O diabo, por mais que o chamasse, não aparecia; iria ao encontro dos que compravam pessoas. Era o que poderia fazer, a ultima expressão da decadencia humana, a derradeira abjeção, o maximo a que se podia chegar em queda, o minimo que a se podia relegar. Tornara-se como um animal; lamentava não haver um sitio para essas transações com taboetas, com marcas. Perdera a vergonha. Emfim, o meu pobre amigo, ardia por se vender e foi por essas ruas, sorridente mas com a morte no coração, fingindo-se, todavia, muito útil, prestavel, mostrando-se no ar dum cavallo a ciganar-se no mercado, na grande feira. Ele não sabia onde o compravam, ia ao acaso, topava conhecidos felizes, radiosos, de bons fatos, enlucados, de esplendido humor e investigava, queria saber quem os sustentava mas não se atrevia a perguntar-lhes.

Os dias passavam; o terror diante duma nodoa no fatinho coçado,

o pavor de vêr um tacho a oscilar nas ultimas botas, a gravata a desfiar-se, ralavam-no tanto como a um alquilador os esparvões que não pôde ocultar nas bestas de revenda. Tornava-se necessario tomar uma decisão, não estar a perder mais tempo, enfiar por uma porta que lhe tinham ensinado, — uma das muitas onde se traficavam consciencias — e oferecer-se, francamente, abertamente ao grande comprador de gente «capaz de tudo e para tudo». Entraria, tomaria o ar mais audacioso que lhe fosse possível, apresentar-se-ia como um aventureiro do passado a oferecer as suas habilidades, como eles negociavam as suas durindanas e, decerto, não o mandariam matar ninguem, porque todos aqueles altos negociantes de homens liquidavam os que se lhe colocavam na frente por outros meios.

Estudara a frase, a primeira que havia de pronunciar, decisiva, a entrar pela bolsa do traficante, a faze-lo simpatisar com a sua attitude:

— Eu sou um homem para tudo. Aqui me tem . . . Sirvo-lhe?

Depois, haveria uma infamiasinha a praticar, um remexer de assetinados papeis, um bom almoço a comer, a mãe sorrindo, a mulher a esquecer a desgraça nas lindas *toilettes* que lhe compraria. E para se consolar, para se calar a si propria, repetia: «não ha homem sem homem». Lembrava-se de outros que toda a gente dizia vendidos, de quem se citavam os donos, os proprietarios, e recordava-se das suas maneiras, dos seus ares, dos seus prazeres. Havia alguns que tinham automovel. Via-se já num carrinho ligeiro pelas ruas, recostado, importante, feliz. E que daria em troca? Ora, o seu trabalho. Era bem melhor praticar uma infamiasinha, de vez em quando, do que passar o dia a escrever à raza num tabelião ou a fazer reportagem.

Emfiou para o portal, onde faiscavam taboletas de metal, passou a porta envidraçada diante do porteiro fardado, entreviu uma serie de *guichets*, empregados como abelhas naqueles alvelos, frabricando o mel que o grande senhor do trafico chuparia e, sentindo como lhe caberia um pequenino favo, avançou, com a frase nos labios:

— Eu sou um homem para tudo . . . Aqui me tem . . . Sirvo-lhe?

Chegara à ante-camara; um continuo severo, impertinente, quasi, deteve-o: Onde ia?!

Sorriu do alto da sua posição, mostrou-lhe os embaraços enormes, a quasi impossibilidade de se aproximar do «compragente» e como ele tivesse nos olhos uma lagrima e uma anciedade, o servo, encolhendo os ombros e mostrando-lhe a entrada, mandou-o espreitar. Viu, então, muitos homens magnificamente vestidos, uns, outros de ares mais modestos, e reconhecia alguns, gente da bolsa, da polifca, deputados, senadores, manejaadores habeis de penas, militares, um juiz, e, passeando dum lado para outro, um ex-ministro dizendo as suas *boutades*, os seus chascos, olhando o relógio, de quando em quando, como se lhe tardasse o negocio, a sua vez. Num rapido momento, ao fundo da ante-camara, abriu-se uma porta mais leve em seus gonzos, oscilou um reposteiro de veludo, e lá dentro, como num tabernaculo, estava um homem de banal aspecto, indifferente diante de dois outros que saíam recuando e saudando.

Reconheceu-os tambem: um fundara um jornal depois de ter servido nos dos alheios, firmando uma reputação, galgando aos primeiros logares; o outro era um parlamentar illustre por suas ponderadas frases, de bem com todos os partidos. Na ante-camara curvavam-se cabeças. O dono

querai-os ali em parada. Foi esta a sua visão rápida. Ficou junto do continuo, que o olhava no seu anonimato, no seu fatinho modesto, como a adivinhar-lhe a miséria na mesma indiferença do amo, lá dentro, no seu tabernaculo, negociando almas como um receptor ao seu balcão, desfazendo na mercadoria, obtendo-a sempre, desdenhando, ratinhando, achando sempre caro.

Fugiu. Não sei o que se passou em sua casa. Quando se chega a este descalabro a casa deve ser um buraco negro na terra negra. Julgo que correu Lisboa de lés a lés e que topou sempre o mesmo.

A mim, ao procurar-me, já mais desbotado, mais faminto, a pedir-me o que não tenho para lhe dar, pareceu-me já um defunto deslizando nas ruas gafado na podridão do cemiterio. Foi-se mas deixou-me, com a confissão dos seus passos, um presente de principe. Satu a dizer-me:

— Não consegui vender-me . . . Havia lá, e por toda a parte, uma grande bicha . . .

AOS LEITORES

Em Portugal — meus presados amigos — quasi ninguem está no seu lugar. As funções exercem-se por, acazo, deita-se a mão a tudo, sem consciencia, por necessidade. E' assim que os ministros não cumprem, os profissionais de todas as especies, tambem não, na sua maioria. Por isso, após uma grande colera, eu tive que ponderar filiando-me nestas razões, o motivo porque os dois revisores — os dois revisores — dos *Fantoches*, deixaram passar, no ultimo numero, a gralha estupenda que decerto os leitores já notaram. Onde se lê, num titulo, a *Felicidade ante a mentira social*, é a *Filicida ante a mentira social* que se deve ler.

Só resta agora que os tipografos compreendam esta emenda como os da classica gralha do *Diario do Governo* que tinham composto *Bainha* em vez de *Rainha* e ao emendarem puseram *Tainha*.

E' uma singular vida a deste paiz. Os ministros precisam que lhe ministrem idéas, os revisores precisam revistos.

